



Como analisar o texto televisivo?

Cartilha sobre a análise de temas, narrativas e estilos na televisão



Elaborada por João Paulo Hergesel

João Paulo Hergesel

Como analisar o texto televisivo?

**Cartilha sobre a análise de temas,
narrativas e estilos na televisão**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Campinas/SP • 2025

APRESENTAÇÃO

A televisão é uma das presenças mais constantes em nosso cotidiano. Ela nos informa, nos entretém e nos emociona. Mas será que realmente a enxergamos?

Para além do mero entretenimento, as produções televisivas são complexos artefatos culturais que refletem e, ao mesmo tempo, influenciam a sociedade. Esta cartilha foi criada com um objetivo: oferecer as ferramentas introdutórias para desvendar as camadas de sentido por trás das telas.

Aqui, faremos uma jornada que começa nos primeiros debates acadêmicos sobre a TV, passa pelos conceitos essenciais para pensá-la hoje e culmina em um método prático de análise: a **telepoética**. Com ele, você aprenderá a investigar os temas, as narrativas e os estilos que compõem qualquer obra audiovisual.

Espero que este guia desperte seu olhar crítico e que, ao final da leitura, você tenha um novo repertório para compreender o fascinante universo da televisão.

Prof. Dr. João Paulo Hergesel

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

SUMÁRIO

PARTE 1: UM BREVÍSSIMO HISTÓRICO

O início do debate: as visões clássicas

- *Theodor Adorno: A TV como ferramenta de alienação*
- *Marshall McLuhan: A tendência à passividade*
- *Raymond Williams: O “fluxo cultural” contínuo*

A mudança de canal: um novo olhar para a TV

- *Kristin Thompson: A refutação das ideias clássicas*

PARTE 2: PARA PENSAR A TV CONTEMPORÂNEA

- *Jesús Martín-Barbero e a mediação cultural*
- *Jason Mittell: complexidade narrativa e cultura participativa*

Pensadores brasileiros fundamentais

- *Arlindo Machado: A televisão levada a sério*
- *Maria Immacolata Vassallo de Lopes: a narrativa da nação e o recurso comunicativo*

PARTE 3: O GUIA DE ANÁLISE

Definindo o objeto: o que é “televisão” hoje?

Os três grandes eixos de análise

- *Produção e distribuição: Quem faz e como chega até nós?*
- *Conteúdo (o texto televisivo): O que a obra nos diz?*
- *Recepção e consumo: Quem assiste e como interage?*

PARTE 4: A TELEPOÉTICA COMO UM MÉTODO DE ANÁLISE

A origem: de Aristóteles à televisão

O princípio central: a tríade da telepoética

Desvendando a tríade

PARTE 5: ANÁLISE NA PRÁTICA – CENA DE “TRAVESSIA”

Contexto da cena

Aplicação da telepoética

DICA DE OURO PARA PESQUISADORES

O que são “pontos nodais”?

Como selecioná-los?

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

PARTE 1:

UM BREVÍSSIMO HISTÓRICO

Apesar de parecer um campo de estudo recente, a reflexão acadêmica sobre a televisão não é algo novo, existindo há pelo menos 50 anos. Durante muito tempo, pesquisadores que se dedicavam a esse meio sofreram preconceito, pois a TV era vista como um mero objeto de recreação ou uma “máquina maluca que veio para alienar o povo”. Contudo, o pensamento sobre ela evoluiu. Vamos revisitar os principais momentos desse debate.

O início do debate:

As visões clássicas

Nos anos 1970 e 1980, os primeiros teóricos da comunicação olhavam para a televisão com grande desconfiança. Suas ideias, embora hoje revistas, são fundamentais para entender o ponto de partida dos Estudos de Televisão.

Theodor Adorno:

A TV como ferramenta de alienação

Theodor Adorno, um importante teórico da Escola de Frankfurt, tinha uma visão que pode ser considerada “apocalíptica” sobre a televisão. Para ele, a TV funcionava como um poderoso instrumento de alienação. Ele acreditava que os detentores do poder midiático transmitiam o que desejavam que a população aceitasse, e as pessoas simplesmente consumiam o que lhes era imposto. Adorno também criticava a uniformização da programação: um mesmo produto era feito para todos os públicos, de crianças a idosos, sem complexidade suficiente para provocar reflexão crítica. Era um conteúdo simples e acessível, que não dava ao espectador a chance de interagir ou questionar.

Marshall McLuhan:

A tendência à passividade

Avançando para os anos 1980, Marshall McLuhan, embora não tão apocalíptico quanto Adorno, também apontava problemas. Sua principal crítica era a tendência à passividade que a televisão gerava. Segundo ele, o meio televisivo já entrega a imagem e o som prontos, o que não exige do espectador o esforço de interpretar o que está recebendo. O consumo se torna puramente entretenimento, um conteúdo que é arquivado sem que haja diálogo ou troca. Na visão de McLuhan, a televisão servia apenas como um veículo de recreação, sem despertar no público o desejo de problematizar ou aplicar o que via em sua vida social.

Raymond Williams:

O “fluxo cultural” contínuo

Na mesma época, Raymond Williams trouxe para o debate a ideia de “fluxo cultural”. Ele descrevia a televisão como uma grande caixa que transmite uma série de programas e informações sem pausa. Em sequência, você pode assistir a uma série de humor, a um intervalo comercial, à chamada de um jornal e, em seguida, a uma novela dramática. Para Williams, essa sobreposição de gêneros, formatos e narrativas dificultava a compreensão e a análise da televisão como um veículo, pois ela se apresentava como um fluxo contínuo e caótico de informações.

A mudança de canal:

Um novo olhar para a TV

Com o passar do tempo, a visão apocalíptica de que a televisão vinha para “emburrecer a população” foi perdendo força. A partir dos anos 2000, pesquisadores como Kristin Thompson passaram a oferecer uma nova perspectiva.

Kristin Thompson:

A refutação das ideias conservadoras

Kristin Thompson, pesquisadora de cinema e audiovisual, refutou a ideia de que a televisão é alienadora, uniforme e que o espectador é passivo. Ela observou que os mesmos elementos artísticos e culturais presentes no cinema, considerado uma grande arte, também podiam ser encontrados na televisão. Para ela, a diferença de formato (tela pequena x tela grande) não impedia a TV de ser um veículo de expressão cultural.

Thompson argumentou que a TV não é uniforme, ou seja, existem diferentes produções, diretores, roteiristas e atores, cada um com suas próprias propostas artísticas. Também defendeu que o espectador tem voz ativa, isto é, a emissora oferece o que o público deseja, e o espectador reage, indicando se o conteúdo agrada ou

não. Se a audiência cai, fica claro que o telespectador tem voz e atividade.

Além disso, Thompson também refutou a ideia do fluxo cultural contínuo ao afirmar que o espectador sabe reconhecer e distinguir perfeitamente uma série, um intervalo comercial, um telejornal ou uma novela. A partir do momento em que é possível distinguir os diferentes produtos, é possível focá-los e analisá-los individualmente.

PARTE 2:

PARA PENSAR A TV CONTEMPORÂNEA

Superada a fase das visões puramente críticas, novos pesquisadores trouxeram ferramentas teóricas que nos ajudam a compreender a complexidade da televisão contemporânea e seu papel central em nossa cultura. A seguir, apresentamos alguns dos conceitos mais importantes.

Jesús Martín-Barbero:

A mediação cultural

Um dos teóricos da comunicação mais importantes da América Latina, o colombiano Jesús Martín-Barbero, propôs que pensássemos a comunicação a partir da nossa própria realidade, cultura e identidade. Para isso, ele desenvolveu o conceito de mediação cultural, que se refere à criação de pontes entre os interlocutores (produtores e público) dentro de um contexto cultural.

Aplicada à televisão, essa ideia revela que a produção de uma telenovela, por exemplo, não se baseia apenas nas ideias de um autor. O que acontece é um processo dinâmico: a emissora entende o que o público quer consumir e o que está em voga na sociedade. A partir disso, ela oferece uma narrativa que busca atender a essa demanda.

A narrativa é então moldada pelo retorno do público. Por serem obras abertas, as telenovelas podem mudar o destino de personagens com base na reação da audiência. Um casal coadjuvante pode ganhar protagonismo se o público se envolver com sua história, por exemplo.

Essa mediação transforma produtores e consumidores em verdadeiros interlocutores na construção da obra.

Jason Mittell:

Complexidade narrativa e cultura participativa

O acadêmico americano Jason Mittell defende que o espectador de hoje está longe de ser passivo. Para compreender as produções atuais, é preciso ativar uma rede de pensamentos e conexões. Ele chama isso de complexidade narrativa. Muitas séries exigem que o público se questione: “Esse personagem é o vilão?”, “Isso foi um *plot twist*?”, ou “Estamos lidando com viagem no tempo?”.

Além de decifrar as tramas, o público também participa ativamente da criação. Mittell chama isso de cultura participativa. O espectador deixa de ser apenas um receptor e se torna um criador. Ele faz isso ao produzir paratextos: conteúdos que não são da autoria original, mas que estão conectados à narrativa.

Exemplos comuns hoje em dia são: *fanfics* (histórias criadas por fãs) que dão continuidade a uma trama; vídeos de reação e análise no YouTube; memes e discussões em redes sociais.

Pensadores brasileiros fundamentais

No Brasil, diversos pesquisadores contribuíram para consolidar os Estudos de Televisão. Destacamos dois nomes pioneiros:

Arlindo Machado:

A televisão levada a sério

Professor da USP, Arlindo Machado foi um dos primeiros a propor, nos anos 1990 e 2000, um olhar sério para a televisão. Em seu livro “A Televisão Levada a Sério”, ele argumentava que os produtos televisivos — de videocliques da MTV e telejornais a propagandas — possuem qualidade estética e, muitas vezes, artística, que pode provocar o pensamento crítico. Machado nos ensinou a perceber a complexidade estética e cultural que pode existir mesmo nos formatos mais cotidianos da TV.

Maria Immacolata Vassallo de Lopes:

A narrativa da nação e o recurso comunicativo

Também professora da USP, Maria Immacolata Vassallo de Lopes analisa as telenovelas e destaca seu papel como “narrativa da nação” e como “recurso comunicativo”. Segundo ela, a telenovela é capaz de registrar e debater questões socioculturais, políticas e econômicas do país. Assistir a telenovelas, portanto, pode complementar nosso entendimento sobre o Brasil. Elas trazem à tona discussões atuais e urgentes, como violência doméstica, relacionamentos homoafetivos, adoção, dependência em jogos e os impactos da inteligência artificial, entre muitos outros temas.

PARTE 3:

O GUIA DE ANÁLISE

Agora que já entendemos a importância de levar a televisão a sério, o próximo passo é saber por onde começar a analisá-la. Antes de mergulhar em métodos específicos, precisamos definir nosso objeto de estudo e conhecer os grandes caminhos que uma pesquisa pode seguir.

Definindo o objeto: o que é “televisão” hoje?

Quando falamos em “analisar a televisão”, não estamos nos referindo apenas aos canais tradicionais que assistimos pela antena ou cabo. O conceito hoje é muito mais amplo e engloba todas as plataformas que distribuem conteúdo audiovisual de forma seriada ou contínua. Podemos incluir:

- **TV aberta:** Os canais convencionais, como Globo, SBT, Record, etc.
- **TV fechada (por assinatura):** Canais como HBO, GNT, CNN, SporTV, etc.
- **Streaming:** Plataformas que transmitem conteúdo pela internet, como Netflix, Prime Video e Globoplay. O *streaming* nada mais é do que uma televisão que, em vez de ser transmitida por ondas ou cabo, utiliza a fibra ótica da internet.

Portanto, todas essas produções, das mais convencionais às mais tecnológicas, são entendidas como produção televisiva ou televisual.

Os três grandes eixos de análise

Uma análise televisiva pode seguir diferentes caminhos, dependendo do seu foco. De forma geral, podemos organizar as abordagens em três grandes eixos:

Produção e distribuição:

Quem faz e como chega até nós?

Este eixo se concentra nos bastidores da criação. A pesquisa pode investigar os realizadores, buscando entender, por exemplo, quem é a produtora por trás de uma série e quais são suas características. Perguntas como “O que define um 'Original Netflix'?” ou “Qual é o perfil das produções do Globoplay?” se encaixam aqui. Também é possível analisar o contexto político e as práticas culturais que influenciam a produção de determinado conteúdo.

Conteúdo (o texto televisivo):

que a obra nos diz?

Aqui, o foco é a obra em si. A análise se debruça sobre a narrativa, os temas, os personagens e os aspectos estéticos do produto televisivo. É o caminho para quem deseja entender como uma história é contada, quais mensagens ela transmite e como os recursos de imagem e som são utilizados para construir sentido. Este será o eixo que aprofundaremos na Parte 4.

Recepção e consumo:

Quem assiste e como interage?

Este eixo volta-se para o público. A pesquisa busca compreender quem está assistindo, por que assiste, como interage e o que produz a partir daquele conteúdo. Tópicos de estudo aqui incluem a cultura participativa (a produção de fanfics, memes e vídeos por fãs), a “TV Social” (os comentários sobre programas nas redes sociais em tempo real) e a etnografia do público (entender os hábitos e as motivações dos espectadores).

PARTE 4:

A TELEPOÉTICA COMO MÉTODO DE ANÁLISE

Dentre os vários caminhos para analisar o conteúdo de uma obra, a Poética Televisiva é um dos mais completos. Ela nos oferece um método para investigar como os elementos de uma produção trabalham juntos para criar sentido e dialogar com a cultura.

A origem:

De Aristóteles à televisão

A ideia de “poética” não é nova!

- **Aristóteles na Grécia Antiga:** O filósofo analisava as produções artísticas de seu tempo (tragédias, poesias, cantos) para entender como eram construídas, quais suas funções na sociedade e que efeitos causavam no público.
- **David Bordwell e o Cinema:** Milhares de anos depois, o pesquisador David Bordwell, em sua obra “Poetics of Cinema”, retomou o método de Aristóteles e o aplicou ao cinema. Para ele, a poética estuda a obra como resultado de um processo de construção, considerando seus componentes artísticos, narrativos e estilísticos.

- **Jeremy Butler e a Televisão:** Inspirado em Bordwell, o estudioso Jeremy Butler adaptou o método para a televisão. Ele argumentou que, se a TV também possui elementos artísticos e culturais, ela também pode ser analisada por essa via. Para Butler, a poética não é um mero formalismo (descrever o que vemos), mas sim uma forma de entender como o estilo e a composição manifestam o tema e a narrativa de uma obra, sempre considerando o contexto social, histórico e cultural em que ela foi produzida.

O princípio central:

A tríade da telepoética

A análise da poética televisiva se baseia em uma tríade: **tema, narrativa e estilo**. O objetivo é compreender como esses três pilares se interligam para refletir e influenciar a cultura. A análise pode começar por qualquer um dos pontos, mas o método de Butler sugere partir do Estilo para entender como as escolhas técnicas ajudam a construir o Tema e a Narrativa.

Desvendando a Tríade

TEMA: Quais são os assuntos abordados?

O tema se refere a todos os assuntos que compõem a obra. Uma produção raramente tem um único tema. Geralmente, há um tema central e vários temas secundários que ajudam a construir a história. Por exemplo, em uma novela sobre vingança (tema central), podem existir tramas paralelas que discutem adoção, violência doméstica ou outros temas sociais emergentes.

NARRATIVA: O que está sendo contado e como?

A narrativa é a forma como a história é organizada e apresentada ao espectador. Nenhuma história funciona sem personagens que realizam ações. Para analisar a narrativa, é preciso observar:

- **Personagens:** Quem são, como são construídos, quais suas motivações e como se relacionam.
- **Ações e causa e efeito:** Uma ação gera uma consequência, que por sua vez se torna a causa da próxima ação, formando uma cadeia de eventos.
- **Estrutura do enredo:** A forma como a história é contada, se é linear e cronológica ou não linear, com *flashbacks* e *flashforwards*.
- **Tempo e espaço:** Onde e quando a história se passa. O espaço pode ser físico ou psicológico.

ESTILO: Como os recursos técnicos são usados?

O estilo é o uso sistemático e significativo das técnicas da mídia — a “textura” das imagens e dos sons. São as escolhas técnicas feitas pela produção (diretor, roteirista, editor) que definem a identidade visual e sonora da obra. Para analisar o estilo, observamos:

- **Elementos visuais:**

- **Câmera:** Ângulos, movimentos e posicionamentos.
- **Mise-en-scène:** Cenários, objetos de cena, posicionamento dos personagens, atuação, figurino, maquiagem e penteado.
- **Iluminação e cor:** O uso de cores, luz, sombra e profundidade de campo.

- **Elementos sonoros:**

- **Som:** Diálogos, trilha sonora, efeitos sonoros, ruídos e até mesmo o silêncio, que pode ser muito expressivo.

PARTE 5:

ANÁLISE NA PRÁTICA —

CENA DE “TRAVESSIA”

Para ilustrar como a Poética Televisiva funciona, vamos aplicar a tríade Tema, Narrativa, Estilo a uma cena específica da telenovela “Travessia”, da autora Glória Perez.

Contexto da Cena

A cena analisada apresenta um diálogo entre dois personagens:

- **Rudá:** Um adolescente que está em um confuso processo de descoberta. Ele questiona por que não sente atração por meninas, mas também percebe que não se sente atraído por meninos, vivendo em um “limbo de incertezas”.
- **Caíque:** Um homem adulto, na faixa dos 30 a 40 anos, namorado da tia de Rudá. Caíque é assexual; ele busca relacionamentos românticos, mas não possui desejo sexual.

Na cena, Caíque percebe as angústias de Rudá e inicia uma conversa para explicar o que é a assexualidade e a romanticidade, ajudando o jovem a entender seus próprios sentimentos.

Aplicação da telepoética

TEMA

A cena aborda uma variedade de temas, como os diferentes tipos de masculinidade, a sensibilidade, o acolhimento, a adolescência e a descoberta da sexualidade. O tema central, no entanto, pode ser definido como o adolescente assexual do gênero masculino em processo de descoberta da sua sexualidade.

NARRATIVA

- **Personagens:** Os protagonistas da cena são Caíque e Rudá. Caíque percebe que Rudá possui tendências sexuais parecidas com as suas. Rudá, por sua vez, vive sob a pressão de seu padrasto, um homem tóxico e machista que o cobra por não se interessar por garotas, o que intensifica seu conflito.
- **Espaço e tempo:** A cena se passa durante o dia, em um ambiente ensolarado e de clima quente no Rio de Janeiro.
- **Foco narrativo:** A câmera se posiciona de forma objetiva, observando os personagens de maneira distante, o que, paradoxalmente, cria no espectador uma sensação de observação subjetiva e íntima.

ESTILO

- **Visual:**

- **Planos:** A direção utiliza *primeiros planos* (close-ups) para focar nos rostos e expressões dos personagens, e *planos conjuntos* para mostrá-los juntos, reforçando a conexão entre eles.
- **Maquiagem:** O rosto de Rudá é mostrado pálido e com espinhas visíveis, um recurso que simboliza a adolescência. Curiosamente, o ator não parece ter espinhas em suas redes sociais, o que sugere que a maquiagem foi uma escolha deliberada para construir o personagem.
- **Figurino:** Mesmo sob o calor intenso do Rio de Janeiro, Rudá veste camisas de manga comprida e calças, uma escolha estilística que ajuda a comunicar seu desconforto e fechamento.

- **Sonoro:**
 - **Trilha sonora:** Uma trilha emotiva acompanha a cena, complementando a sensação de acolhimento e apadrinhamento de Caíque em relação a Rudá.
 - **Diálogos:** Os diálogos são construídos de forma didática. Essa escolha reforça a função pedagógica do melodrama, um gênero que, além de entreter e emocionar, também busca educar o público sobre temas sociais relevantes.

DICA EXTRA PARA PESQUISADORES

Uma dúvida muito comum entre estudantes e pesquisadores é: como analisar uma obra tão longa, como uma série de 19 temporadas ou uma novela de 400 capítulos? É preciso assistir a tudo e analisar cena por cena? A resposta é um alívio **não**.

O grupo de pesquisa Inovações e Rupturas na Ficção Televisiva, em um estudo sobre a novela “Avenida Brasil”, propôs um método para lidar com obras extensas. A chave é a seleção estratégica dos **“pontos nodais”** da trama.

O que são “pontos nodais”?

São os momentos cruciais da história — cenas, diálogos ou sequências — que contêm os elementos necessários para você atingir os objetivos da sua pesquisa.

Como selecioná-los?

A escolha deve ser sempre guiada pela sua pergunta de pesquisa. Por exemplo, se o seu trabalho é sobre a representação do menino negro em uma novela, você deve escolher as cenas que ajudam a explorar esse tema. Não seria produtivo selecionar uma cena em que a protagonista está em uma cafeteria com a amiga, pois ela não contribuiria para a sua análise.

O segredo, portanto, não é analisar tudo, mas sim fazer um recorte inteligente. Ao focar nos pontos nodais relevantes para o seu tema, você garante que sua análise será focada, relevante e significativa.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim de nossa jornada introdutória pelos Estudos de Televisão. Partimos das visões clássicas que, com desconfiança, viam a TV como uma força alienante, e chegamos a uma compreensão contemporânea que a enxerga como um espaço de complexidade narrativa, mediação cultural e participação do público.

Ao longo desta cartilha, você conheceu os principais eixos de análise e se aprofundou em um método poderoso, a **telepoética**, aprendendo a dissecar uma obra a partir de sua tríade fundamental: tema, narrativa e estilo. O estudo de caso prático e a dica final sobre como analisar obras longas buscaram transformar a teoria em uma ferramenta aplicável ao seu dia a dia.

Mais do que um manual de técnicas, esperamos que este guia sirva como um convite para uma nova forma de se

relacionar com as telas. A televisão, em seus múltiplos formatos, não é apenas uma janela para o entretenimento, mas um espelho capaz de registrar a “narrativa da nação”, debater questões sociais urgentes e refletir as transformações do nosso tempo.

Que as ferramentas aqui apresentadas inspirem você a se tornar um espectador mais ativo, crítico e consciente do imenso poder contido nas histórias que assistimos todos os dias. A partir de agora, o controle está em suas mãos.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Blucher, 2020.

BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. 7. ed. 2. reimp. Petrópolis: Vozes, 2018.

BORDWELL, David. **Poetics of Cinema**. New York: Routledge, 2008.

BUTLER, Jeremy G. **Television Style**. Nova Iorque: Routledge, 2010.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Estilística e discurso**: estudos produtivos sobre texto e expressividade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JAKUBASZKO, Daniela. **A representação de temas de interesse público na telenovela brasileira**: uma perspectiva dialógica para o estudo da ficção audiovisual. Embu das Artes: Alexa Cultural; Manaus: EDUA, 2019.

JENKINS, Henry; SHERSTHOVA, Sangita; PETERS-LAZARO, Gabriel. Popular Culture and the Civic Imagination — Foundations. *In*: JENKINS, Henry; SHERSTHOVA, Sangita; PETERS-LAZARO, Gabriel (org.). **Popular Culture and the Civic Imagination**: Case Studies of Creative Social Change. Nova Iorque: New York Press, 2020.

LASSWELL, Harold. **Propaganda Technique in the World War**. Eastford: Martino Fine Books, 2013.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 26, p. 17-34, 2003. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34>. Acesso em 10 abr. 2024.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2009, p. 21-47. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v3i1p21-47>. Acesso em 10 abr. 2024.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (coord.). **A ficção televisiva brasileira como recurso de promoção da cidadania**. Projeto de Pesquisa (Edital Pro-Humanidades 2022) – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasília, 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. Petrópolis: Vozes, 2005.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MITTEL, Jason. **Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling**. Nova Iorque: New York University Press, 2015.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Poética das séries de televisão: elementos para conceituação e análise. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2621-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ORTEGA, Daniela Afonso. **De Tarcísio a Cauã**: masculinidades na telenovela. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.27.2019.tde-24092019-160713>. Acesso em 10 abr. 2024.

MAGNO, Maria Ignês Carlos *et al.* Inovações narrativas e estilísticas em Amor de Mãe: caminhos da telenovela brasileira em tempos de pandemia. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; SILVA, Lourdes Ana Pereira da (org.). **Criação e inovação na ficção televisiva brasileira em tempos de pandemia de Covid-19**. Aluminio: CLEA Editorial, 2021. p. 59-79.

PICADO, Benjamim. Dramaturgia e estilo em formatos seriados: o roteiro como encargo (um olhar sobre *The Newsroom* e *True Detective*). *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/dramaturgia-e-estilo-em-formatos-seriados-o-roteiro-como-encargo-um-olhar-sobre?lang=pt-br>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PUCCI JR., Renato Luiz *et al.* *Avenida Brasil*: o lugar da transmidiação entre as estratégias narrativas da telenovela brasileira. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 95-131.

ROCHA, Simone Maria. O estilo televisivo e sua pertinência para a TV como prática cultural. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 1082-1099, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.3.16617>. Acesso em: 10 abr. 2024.

THOMPSON, Kristin. **Storytelling in Film and Television**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Television: Technology and Cultural Form**. London and New York: Routledge, 2003.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O processo de elaboração deste material combinou tecnologia e curadoria humana: o minicurso sobre televisão foi gravado via Microsoft Teams, transcrito pela ferramenta Notta.IA e teve sua gramática ajustada pelo ChatGPT-4o. Em seguida, o Gemini 2.5 Pro auxiliou na estruturação do conteúdo no formato que você lê agora.

A etapa final envolveu uma cuidadosa revisão humana, que aprimorou o material e corrigiu falhas remanescentes. Destarte, o uso das soluções de inteligência artificial serviu como um suporte, e não como autoria ou geração de dados, respeitando a integridade científica e as boas práticas na pesquisa.

TÍTULO	Como analisar o texto televisivo? Cartilha sobre a análise de temas, narrativas e estilos na televisão
AUTORIA	João Paulo Hergesel
SUPORTE	Digital PDF
CAPA	MD Zubair Ahamed Rudro Pixabay
PÁGINAS	52
TIPOGRAFIA	Aptos
APOIO	Faculdade de Cinema e Audiovisual Escola de Comunicação e Linguagem Pontifícia Universidade Católica de Campinas
ANO	2025
ISBN	978-65-985398-2-5